

**REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE** – Semanário generalista editado regularmente entre Outubro de 1841 e Junho de 1853, embora tenha perdurado até 1859 de forma intermitente. Trata-se, portanto, de um “produto” da Monarquia Constitucional, contemporâneo das últimas lutas liberais e do arranque do movimento regenerador que aglutina a nação em torno do projecto de desenvolvimento “material” do país.

Durante esses anos de vida conheceu 3 directores – António Feliciano de Castilho (1841-45), José Maria da Silva Leal (1846-47) e Sebastião José Ribeiro de Sá (1848-53) – e algumas reformulações, mas no essencial o projecto manteve as características que lhe dão identidade.

O primeiro número é lançado a 1 de Outubro de 1841, quinta-feira, com o título de **Revista Universal, Crónica Judicial, Artística, Científica, Literária, Agrícola, Comercial e Económica de Todo o Mundo**. Os escritórios da **redacção** estão em Lisboa, no 1º andar do nº 107, da **Rua dos Fanqueiros**. A revista é impressa na **Typografia de J. A. S. Rodrigues**, situada na Rua da Condeça (*sic*), nº 19, também em Lisboa.

**António Feliciano de Castilho** (1800-1875), seu primeiro director e principal redactor, não faz qualquer apresentação da publicação. Há apenas uma manifestação de abertura em relação à publicação de notícias enviadas pelos leitores: “A redacção da Revista Universal aceita, agradece, e publica toda e qualquer notícia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mormente as de que possa resultar crédito, instrução, ou outro qualquer aproveitamento para Portugueses”. E são de facto visíveis em muitos números da RU textos atribuídos a leitores, além de nos prólogos que, em regra, abrem cada novo ano, o editor tecer alguns comentários sobre a qualidade e quantidade dos textos que lhe são enviados.

Nas **12 páginas** de cada edição da RU estão dispostas as mais variadas “notícias”. Não sendo perceptível qualquer grelha estruturante dos conteúdos, é evidente a atenção dada a temas relacionados com a agricultura e a indústria, que são desenvolvidos sob a forma de conselhos práticos ou tendo em vista a divulgação de recentes experiências e invenções realizadas em Portugal e, sobretudo, em outros países europeus, como a França e a Alemanha, mas também nos Estados Unidos da América. O facto de a origem ou contexto da “notícia” se encontrar em evidência, sob a forma de subtítulo, reflecte a preocupação em conferir à publicação uma imagem cosmopolita e moderna.

A cultura, sobretudo a literatura, têm também o seu espaço assegurado na RU o que inclui referência às últimas obras publicadas dentro e fora de portas. Além das matérias referidas, que constituem o corpo da publicação, há informação avulsa que inclui curiosidades, receitas práticas sobre diversas matérias, boletins meteorológicos, notícias sobre Lisboa e outras regiões etc.

Até ao final do ano de 1841, são publicados 14 números, num total de 170 páginas. Como é comum nesta época, a RU foi concebida para ser

coleccionável, pelo que as suas páginas apresentam uma numeração contínua. As próprias notícias são numeradas, de forma que, a cada conjunto de 48 edições (um ano, compondendo quatro séries, e um volume) está associado um índice, o que confere à RU o aspecto de uma enciclopédia em fascículos.

No ano seguinte, **1842**, o jornal conhece as **primeiras reformulações**. Logo no primeiro número, com data de 6 de Janeiro, é visível um esforço de simplificação quer do título do jornal, que se resume agora a **Revista Universal**, quer do grafismo, sendo abandonada a moldura floreada das páginas e o uso de um tipo cursivo nos títulos, que lhe conferiam uma imagem antiquada. A redacção está agora sediada na **Travessa da Victoria**, nº 29.

Na primeira página daquela edição, sob o título de “Prologo”, são feitas interessantes considerações sobre a natureza, missão e princípios que orientam a RU, quer no quadro da actividade jornalística, quer no contexto mais vasto do próprio país. Assim, num texto que é assumido por “A Redacção”, a RU apresenta-se como “Um jornal só de interesses positivos; (...) que só ensina e aconselha, (...); que, se entretém, é só pela estranheza, e variedade, dos inventos úteis que apresenta; que não desdenha, nem as mínimas conveniências do lavrador, do artífice, ou da mai (*sic*) de família boa, ecónoma; **que tem por dogma que só pela transformação progressiva de todas as mollecúlas sociais, e não pelas revoluções, se aperfeiçoão, e felicitão os povos; ...**”. Uma definição que lança alguma luz sobre o posicionamento ideológico da RU – reformista e, sobretudo, humanista – mas nada mais; aliás, a opção programática de manter o distanciamento em relação à actividade política (partidária e governamental) não só é assumida nos prólogos que marcam a abertura de cada volume, como resulta na total impermeabilidade do jornal aos mais relevantes episódios então ocorridos. O que não significa que a edição não seja afectada por esses momentos: no número 6, de 17 de Fevereiro de 1842, pode ler-se que “Causas a todos notórias [restauração da Carta Constitucional] impediram a publicação da Revista Universal na semana anterior”; também a guerra civil da Patuleia determinou a interrupção da edição durante 9 meses (Dezembro de 1846 e Agosto de 1847).

Ainda no que concerne às reformulações que a RU conheceu em 1842, importa destacar que o título de **Revista Universal Lisbonense** é usado pela primeira vez no número 3, de 20 de Janeiro desse ano. Não é avançada qualquer explicação para esta mudança, e a revista é impressa na **Typographia da Gazeta dos Tribunaes**, na Rua dos Fanqueiros, nº 29. Mas nada é definitivo: até 17 de Março, verifica-se uma utilização hesitante de um e outro título e, curiosamente, a cada um deles está associada uma tipografia diferente.

A assunção definitiva do título *Revista Universal Lisbonense* ocorre a 24 de Março, no quadro de uma reforma mais ampla, cujo programa é anunciado nas duas edições anteriores à referida. Da sua leitura depreende-se que a mudança – materializada numa maior diversidade de assuntos tratados – procura dar resposta às críticas e sugestões dos leitores e a sua viabilidade decorre da utilização de “uma fundição nova de formoso typo miúdo

(pandecta); as linhas terão todo o comprimento que o tamanho da pagina comportar, e os artigos serão cerrados entre si, não se despendendo em títulos d'elles mais do que o espaço rigorosamente necessário: nitidez, e escrupulosíssima correcção distinguirão sempre as suas páginas". As notícias passam a distribuir-se em função de três áreas: «**Conhecimentos Úteis**», «**Variedades**» e «**Notícias**».

É também feita a promessa de um maior cuidado com a "linguagem", melhoria que será sustentada "por colaboradores perpétuos, amantes, apaixonados da nossa formosa língua, e por auxiliares tudo quanto há ahi de mais illustre nas letras pátrias."

Em cada volume d' *A Revista Universal Lisbonense* há, de facto, uma lista dos colaboradores, onde figuram, ao lado de correspondentes anónimos, nomes de vulto da nossa literatura como **Camilo Castelo Branco**, **Almeida Garrett**, **Alexandre Herculano**, **José da Silva Mendes Leal**, **Bulhão Pato**, entre muitos outros. Refira-se ainda que o número de colaboradores é sempre superior a meia centena, atingindo o seu máximo (144) no Volume IV (1844-45), que coincide com o do último ano da direcção de António Feliciano de Castilho. No volume IX (1849-50), já sob a direcção de **Sebastião José Ribeiro de Sá**, constam apenas 43 colaboradores e nos volumes seguintes esta informação deixa de ser prestada.

Além de inúmeras referências bibliográficas, foram muitas as obras portuguesas, mas também algumas traduções, editadas na RUL, como as *Viagens da Minha Terra*, de Almeida Garrett (1846), *Eurico o Presbytero*, de Alexandre Herculano (1844), *Flor-do-Mar*, de Mendes Leal Júnior (1843), *Rosa e Thesoiro*, de João de Andrade Corvo (1843), *D. Sebastião-o-Desejado*, de Francisco Maria Bordallo (1844), *O Preso*, de Sebastião José Ribeiro de Sá (1847), entre muitas outras.

Coincidindo no tempo com a reformulação da RUL de 1842, verifica-se também a mudança dos escritórios da redacção para a **Rua da Horta Seca**, nº 20, enquanto a impressão passa a ser assegurada pela **Imprensa Nacional**. Mas, mais uma vez, nada é definitivo. Até Setembro de 1842, a redacção anuncia duas novas moradas (Rua das Parreiras, nº 4; Rua da Quintinha, nº 53) e fará uma utilização intermitente de três tipografias (Gazeta dos Tribunaes; Lusitana; Imprensa Nacional).

É também em 1842 que aparece pela primeira vez o **preço do jornal avulso**, que é de 80 réis; por sua vez, verifica-se que o preço das **assinaturas**, anunciado na primeira página, sofre um agravamento da ordem dos 25% em relação aos valores iniciais. No entanto, este agravamento só afecta os novos assinantes já que para os "fundadores" os preços se mantêm inalterados.

O jornal é parco em informações sobre as **tiragens praticadas** que, provavelmente, se ajustariam ao número de assinantes. No entanto, quando António Feliciano de Castilho apresenta aos leitores o Programa de

“Reformação da Revista Universal”, referindo-se ao ano de 1841, dá a entender que a tiragem atingira os **3.000 exemplares** (nº 9, da RU, de 10 de Março de 1842).

A partir de 1843 (III Volume) surgem também referências à reimpressão de números anteriores entretanto esgotados e são indicados os preços de venda dos volumes já completos.

A partir de 1842, o jornal passa a disponibilizar gratuitamente aos seus leitores assinantes um “novo serviço”: o acesso a uma **sala de leitura**, onde se encontram “todos os jornaes portuguezes, e grande numero de inglezes, francezes, hespanhoes, e allemães, entre os quaes muitos litterarios e scientificos”. É inclusivamente apresentado o “Catalogo” dos periódicos disponíveis. Uma oferta que não só reflecte uma política de proximidade em relação aos leitores, já expressa na disponibilidade para a publicação de textos, como traduz sentido empresarial. Resta esclarecer de quem: de António Feliciano de Castilho, fundador e principal redactor; de Manuel Maria Corrêa Seabra, administrador (cargo e nome referidos pela primeira vez no «Prologo» do III Volume); ou de outro?

Na mesma linha está a intenção anunciada no prólogo do volume IV, de 25 de Julho de 1844, de auxiliar os leitores interessados na aquisição de produtos divulgados no jornal, através da sua rede de colaboradores no país e no estrangeiro, e de “fundar no escriptorio, (...), um armazém por onde os desejosos de os experimentar per si mesmo os possam facilmente conseguir. Uma nova semente ou planta, uma nova machina ou instrumento, um novo livro ou remédio, tudo á primeira ordem dos nossos subscriptores se mandará vir pelos correspondentes...”

A partir de 22 de Setembro de 1842, início do II Volume (1842-43), registam-se novas alterações gráficas com repercussões no título, que é agora **Revista Universal Lisbonense. Jornal dos interesses physicos, intellectuaes, e moraes**. Assim se mantém até ao VII Volume (1847-48). O cabeçalho só consta do primeiro número de cada volume. Nos restantes há apenas indicação do número da edição, reportada ao ano em causa, enquanto em rodapé é indicada a data da edição, o volume e a série. De acordo com a folha de rosto desse volume o jornal foi impresso na **Imprensa Nacional**. No último número desse volume (17/Agosto/1843) é anunciada a mudança dos escritórios da redacção para a Rua dos Fanqueiros, nº 82, morada que coincide com a da Tipografia da Gazeta dos Tribunaes, onde serão impressos os números respeitantes aos III Volume (1843-44). Uma coincidência cuja provável explicação está na aquisição da RUL pela Tipografia da Gazeta dos Tribunaes, António Gil e António M. R. C. Holtremann.

No último número do IV Volume, de 19 de Junho 1845, António Feliciano de Castilho, despede-se dos leitores da RUL com um balanço dos quatro anos da sua direcção, justificando as suas opções editoriais com razões de pendor nacionalista e dando-se por satisfeito com os resultados alcançados.

A partir daquela data, **até 2 de Dezembro de 1847**, o jornal passa a ser dirigido por **José Maria da Silva Leal**. No “Prologo” do V Volume, reafirma a missão educacional da RUL e anuncia ligeiras alterações na nomenclatura das secções que doravante são: «Conhecimentos Úteis», «Litteratura e Bellas-Artes» e «Variedades», onde constarão as notícias, sob o título «correio nacional» e «correio estrangeiro, e outras curiosidades».

É um período de grande tensão e agitação política que desembocará na guerra civil da Patuleia, que determinará inclusivamente a suspensão da RUL de Dezembro de 1846 a Agosto de 1847. Enquanto essa interrupção não acontece, embora a RUL mantenha o seu distanciamento em relação à política, é possível encontrar em pequenos textos ecos da agitação que o país vive e cujo tom não deixa de reflectir o posicionamento do jornal face aos acontecimentos. Na edição de 9 de Abril de 1846, por exemplo, pode ler-se que “Segundo os jornaes do Porto dois pronunciamentos femininos tiveram logar em Fonte-Arcada e Guimarães, contra certas disposições policiaes. A tropa recusou a peleija com estas novas Amazonas, e parece que foi necessário alguma tropa de reforço para conter em respeito as belicosas Isabeis descendentes de Isabel Madeira e Isabel Fernandes”. É, sem espaço para dúvidas, uma versão dos levantamentos populares que a história eternizou como a Revolta da Maria da Fonte.

Em **1848**, o jornal e a tipografia da Gazeta dos Tribunaes são adquiridos por **Sebastião José Ribeiro de Sá** e fundem-se, uma vez que a oficina de impressão assume o nome de Typographia da Revista Universal Lisbonense.

A publicação também conhece algumas reformulações. O seu título é agora ***Revista Universal Lisbonense. Sciencias – Agricultura – Industria – Litteratura – Bellas-Artes – Noticias e Commercio***. No “Prologo” que abre o VIII Volume, Sebastião José Ribeiro de Sá apresenta o seu projecto editorial, enaltece o passado da publicação e, sobretudo, o seu fundador, António Feliciano de Castilho. Razões de natureza empresarial determinam, na sua perspectiva, o início de uma nova série, a segunda. Pelo que, tudo o que havia sido editado até ali fica arrumado na primeira série. Mas, no essencial, as matérias tratadas são as mesmas: “As suas columnas são dedicadas á universalidade de todos os conhecimentos e de todas as noticias. Uma só coisa d’ellas se exclue, e é a política...”. Os índices passam a estar organizados em função das três secções que estruturam os conteúdos. Os preços manter-se-ão até 1853.

Dotada de tipografia própria a RUL “diversifica” as suas actividades: edita obras e vende serviços de impressão. A publicidade a estes novos produtos e serviços torna-se frequente nas páginas do jornal. Paralelamente, são crescentes os sinais de declínio: omissão da informação sobre os colaboradores de cada volume e desaparecimento do “Prologo”, onde em cada ano o editor saudava os leitores e lhes dava conta do seu projecto; menor diversidade de assuntos, entre outros aspectos. Em todos os números que

integram o IV volume, da 2ª série (1851-52), o espaço reservado aos «Conhecimentos Úteis» é ocupado, quase exclusivamente, com informação sobre a participação de Portugal na Exposição Universal de Londres; já no volume seguinte, esse mesmo espaço é dedicado ao tema «O Banco de Portugal em relação a situação financeira».

A partir de Junho de 1853, a RUL conhecerá uma edição muito irregular, pontuada por algumas tentativas de reformulação com impacto no seu formato, na sua periodicidade, nos seus conteúdos, etc., mas o seu tempo de vida esgotava-se. Em 1859, a RUL interrompeu-se definitivamente.

**Bibliografia:** BUESCU, Helena Carvalhão (coord), *Dicionário do romantismo literário português*, 1997; TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª Edição, Lisboa, Caminho, 1989; IDEM, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*, 13ª Edição, Lisboa, Caminho, 1983; SILVA, Inocêncio Francisco da (coord.), *Dicionário Bibliográfico Português: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil* / Innocencio Francisco da Silva, 1858;

Rita Correia  
(30.11.2006)